

Centro Interpretativo do Património da Afurada em Gaia inaugura exposição “Meia Laranja”

written by Maria João Coelho | 14 de Julho, 2024



“A Afurada é um lugar de profundas raízes históricas cujas marcas e manifestações ainda se encontram presentes no imaginário e nos traços identitários das suas gentes e dos seus modos de vida tradicionais ligados ao rio Douro e à pesca.”

É visando a proteção deste património comum e saudando o futuro que o **Centro Interpretativo** assume a sua missão de espaço de reflexão da totalidade do meio ambiente e da atividade humana no território da freguesia da Afurada.

Em 2013 foi inaugurado o edifício resultante do projeto dos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, o qual pretendeu recriar o traço arquitetónico original dos antigos armazéns. O CIPA abriu as suas portas como espaço de exposição permanente organizada em seis núcleos: **Lugar, Natureza, Terra, Vida, Mulher, Homem.**



Fotografia: António Proença

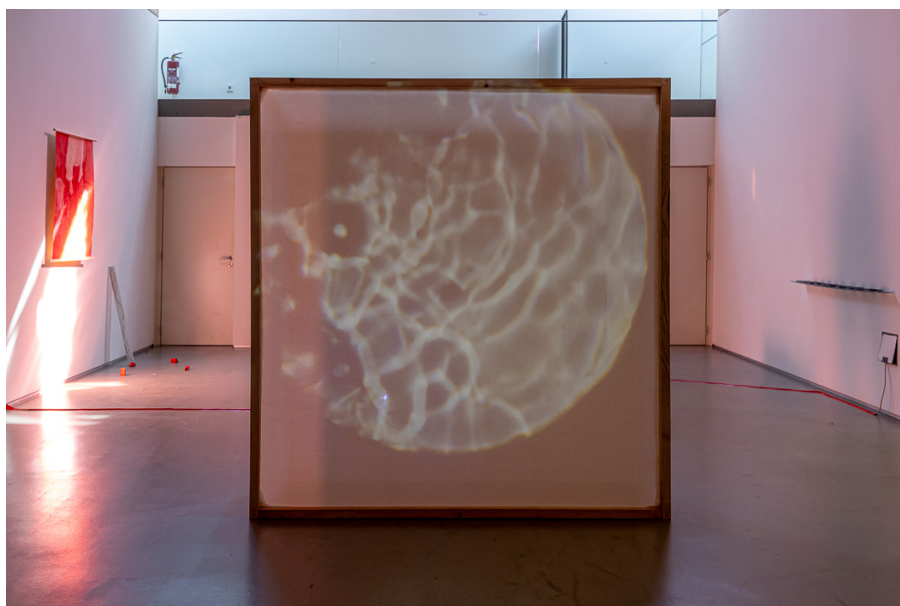
A coleção do CIPA – património vivo, dinâmico e em criação constante – é composta por elementos de natureza móvel e imóvel, material e imaterial que os indivíduos, as famílias e as **coletividades afuradenses vão continuamente doando.**

À exposição permanente junta-se o centro documental e o espaço polivalente para realização de exposições temporárias ou outras atividades de serviço educativo ou de divulgação deste património e disseminação do seu conhecimento.



Fotografia: António Proença

No final da tarde de sexta-feira, foi inaugurada a exposição temporária **“Meia Laranja”** dos artistas plásticos Ana Amarante e David Lopes (i2ADS – FBAUP) com organização, coordenação e curadoria de Francisco Saraiva. De acordo com a sua sinopse, esta exposição teve como mote as **cheias na Afurada** e propõe-se, por um lado, refletir sobre a linha (de água, vestígio visível) como metáfora coletiva a partir da pergunta efetuada pelos artistas a alguns membros da Afurada: *“Por onde passava a água?”* e por outro lado, apresentar trabalhos numa abordagem antropocêntrica das cheias.



Fotografia: António Proença

A cor vermelha enquanto cor central e integrada nos objetos artísticos e na própria exposição, procura despertar o sentido de emergência e perigo, inerentes às cheias e, simultaneamente, afirmar-se como uma tentativa de resposta à questão: *“Como pode a produção artística contemporânea ser responsiva ao espaço em que se integra?”*

Esta exposição estará patente no CIPA, na Afurada, em Vila Nova de Gaia, **até setembro**.

Texto de Maria João Coelho e fotos de António Proença